

Aquisição lingüística em contexto de *input* variável: a emergência das variantes de dativo

Christina Abreu Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Abstract

This paper presents a preliminary study of the emergence of structured variation in first language acquisition. We studied the speech of 5 children aged 2:6 to 5 from the city of Rio de Janeiro. Our aim was to understand how children cope with variable *input* in the acquisition of dative alternation in Brazilian Portuguese. We assume that children's variability is in part structured and is linked to variability in adult speech. The results reveal that not all the available variants in the speech community are used in children's performance and that they tend to use the most frequent ones.

1. INTRODUÇÃO

Diversos trabalhos têm procurado dar conta do período aquisitivo sob a ótica da sociolingüística variacionista, tomando por base estruturas que se configuram como variáveis no sistema do adulto ou da comunidade de fala (LABOV (1989), KERSWILL (1996), FOULKES, DOCHERTY & WATT (1999) e outros). Este artigo apresenta os resultados de um estudo piloto realizado com 5 crianças com idade entre 2;6 e 5 anos. O objetivo é observar, no período aquisitivo, a emergência das variantes do complemento indireto de verbos bitransitivos.

O estudo toma como ponto de partida o fato de, no dialeto carioca, variedade em que estão inseridas as crianças que compõem a amostra deste estudo, os complementos indiretos poderem ser realizados como um sintagma preposicionado, introduzido variavelmente pelas preposições *a* e *para* ou poderem ocorrer sem a preposição; e, quando anafóricos, poderem, também, ocorrer variavelmente como clíticos, se a referência for em relação a 1^a e 2^a pessoas do discurso, ou ainda como objeto nulo.¹ Estudos realizados sobre o dialeto carioca por Freire (2000) e Gomes (2000) mostraram que o clítico *lhe*, como referência à 3^a pessoa, não ocorre em registros informais de língua oral e sobrevive, principalmente, na língua escrita ou em contextos formais.

A aquisição da variação estruturada por crianças, no período anterior ao da adolescência, dentro do modelo da teoria da variação, é um tópico apenas recentemente explorado por diversas razões: ser um campo de estudo relativamente “novo” – 40 anos; e ser focalizado no adulto; isto é, construído a partir da perspectiva de que os adultos são falantes que têm “controle” de determinado dialeto (cf. ROBERTS, 2002: 333).

Foulkes, Docherty & Watt (2001), em um estudo que tem como objetivo traçar o caminho que as crianças tomam para aprender o inventário de alternantes alofônicas características do dialeto a que estão expostas, tanto as fonologicamente governadas quanto as governadas sociolingüisticamente, argumentam que, se a criança desenvolve suas habilidades fonológicas primeiramente através da interpretação da substância fonética a que estão expostas, espera-se que haja influência de variantes sociolingüísticas, uma vez que a criança não sabe, *a priori*, que existe diferença entre esse e outros aspectos sistemáticos de realização. Os autores mencionam, ainda, que, em geral, atribui-se a variabilidade abundante presente na fala das crianças ao aprendizado imperfeito e/ou à aplicação de regras fonológicas universais. No entanto, embora esses fatores possam, em parte, explicar a variabilidade, os dados da pesquisa oferecem evidências suficientes para se afirmar que a variação na fala da criança está ligada à variabilidade da fala do adulto, isto é, a variabilidade observada nas crianças é, em parte, estruturada, e essa sistematização está alinhada ao *input* que ela recebe.

Labov (1989) mostra que, na aquisição de fenômeno variável fonológico do inglês, supressão da dental apical em grupos consonantais (*t/d deletion*), as crianças espelham o comportamento dos pais e internalizam, primeiramente, os condicionamentos estilísticos do processo, e depois os gramaticais e os articulatórios. Esses resultados são evidências de que a faculdade do aprendizado lingüístico não pode estar isolada de aspectos sociais e de que o sistema lingüístico incorpora aspectos que não são apenas estruturais.

Kerswill (1996) discute a implementação da mudança lingüística em função das idades de aquisição e transmissão da mudança. As reflexões de Kerswill baseiam-se em resultados relativos a processos fonológicos. Segundo ele, em relação à faixa de 0 a 6 anos, não há uma posição clara em relação ao efeito do *input* dos principais responsáveis pela criança, os que têm o primeiro e maior contato com ela nessa faixa etária, e que, na maioria das vezes, são os pais. No entanto, Foulkes et al. (2003) e Smith & Steele (2003)

mostram que os pais exercem papel fundamental na transmissão de variáveis sociolingüísticas na infância. Kerswill observa, ainda, que as crianças adquirem a maioria dos traços fonológicos, se não todos, da sua variedade local, até a idade de 6 anos. A avaliação social atribuída às variantes pode ainda não estar totalmente fixada nessa fase, o que sugere que a competência sociolingüística pode mudar ao longo da infância e da adolescência.

Tomamos como pressupostos básicos da pesquisa a noção de que a variação é parte do conhecimento a ser adquirido pela criança, uma vez que a variação é inerente ao sistema, e a noção de que a variação sociolingüisticamente correlacionada pode emergir na infância.

2. A DIRECIONALIDADE DA AQUISIÇÃO

Interessa-nos, neste estudo, identificar de que maneira as variantes relacionadas à expressão do dativo no PB emergem no período aquisitivo e como se relacionam com a sua manifestação no português falado pelos adultos. Numa abordagem da aquisição baseada no uso, o papel do *input* é preponderante no entendimento do processo aquisitivo. Nesse tipo de abordagem, defende-se que os padrões observados para as estruturas lingüísticas, desde o início do processo aquisitivo, são um reflexo dos padrões de uso encontrados no *input* ao qual as crianças estão expostas. Embora o papel do *input* seja decisivo, espera-se, a partir de determinado ponto do desenvolvimento, que as crianças se movam além do que ouvem e generalizem o conhecimento adquirido e o transfiram para novas estruturas (cf. TOMASELLO, 2003, THEAKSON, LIEVEN & TOMASELLO, 2003). Neste estudo, será considerada a frequência de ocorrência (*token frequency*) das variantes na comunidade de fala.

Em estudo sobre a aquisição da estruturas de dativo (*Mark gave a book to Jane*) alternando com a de objeto duplo (*Mark gave Jane a book*) do inglês, O'Grady (2000: 2) levanta como hipótese que as crianças aprenderão, primeiramente, a estrutura mais freqüente. A hipótese baseia-se em experimentos psicolingüísticos que avaliaram

ser mais fácil, para as crianças entre 6 e 7 anos, a interpretação semântica da estrutura de dativo (80% de acerto), que apresenta a ordem tema-meta, em vez da interpretação da ordem meta-tema da construção de objeto duplo (30,4% de acerto). O maior índice de acerto em relação à construção com dativo é atribuído, num primeiro momento, à maior freqüência de construções desse tipo no *input* – há um número maior de verbos que admitem essa construção, embora a de objeto duplo seja mais freqüente com os verbos que admitem as duas estruturas.² No entanto, a comparação com resultados de experimento realizado com crianças falantes do coreano (CHO et al., 1998, apud. O'GRADY, 2000),³ que estão submetidas à mesma freqüência das duas estruturas (dativo e objeto duplo) e que apresentam a mesma relação entre acerto e erro na interpretação semântica das duas estruturas (88% para a ordem tema-meta, e 22% para meta-tema), levou à postulação da hipótese, segundo a qual, as crianças preferem estruturas icônicas, isto é, aquelas cuja ordem das palavras reflete a maneira como os eventos ocorrem. A estrutura de um evento de transferência, como é o caso da estrutura dos verbos citados no inglês e no coreano, que admitem a alternância dativo x objeto duplo, é do tipo agente → tema → meta. Portanto, a ordem dos complementos na estrutura de dativo descreve o evento na ordem em que um agente (*Mark*) pega um tema (*the book*) e o transfere para um recipiente ou meta (*Jane*). Assim, haveria uma explicação baseada em um condicionamento não dependente do *input*, mas atribuída a uma propriedade assumida como integrante da gramática das duas línguas.

Em relação ao português brasileiro, não há estudo experimental sobre a interpretação das estruturas de dativo pelas crianças, em qualquer estágio aquisitivo do português. Os dados analisados neste estudo são de produção. Portanto, não se adequam a uma comparação com os estudos anteriormente citados, mas podem trazer subsídios para a discussão sobre a importância da freqüência de estruturas no *input* e de condicionamentos abstratos. Assim, as hipóteses relativas à direcionalidade da aquisição das estruturas de

dativo no PB baseiam-se, primeiramente, na descrição da comunidade de fala em relação às estruturas em foco nesta pesquisa. O parâmetro de análise dos dados coletados será o comportamento dos falantes adultos observado em diversos trabalhos sobre o português carioca (GOMES, 1996, 2003a, 2003b; FREIRE, 2000).

No entanto, é preciso que se esclareça que a natureza da alternância de dativo no PB não é a mesma que se observa no inglês. No PB, a realização da preposição e ordem dos complementos são independentes, uma vez que a preposição pode estar ausente, quando o complemento indireto não está adjacente ao verbo, e a adjacência não implica supressão da preposição⁴ (cf. GOMES, 2003a). Além disso, o cancelamento da preposição não se restringe a complementos de verbo que codificam evento de transferência, como descrito para o verbo *to give* do inglês⁵ no parágrafo anterior, os verdadeiros dativos da tipologia de Berlinck (1996)⁶. Pode ocorrer, também, em complementos preposicionados que acompanham os verbos leves (dar apoio a) ou indicam movimento em direção a um determinado ponto (levar).

Por outro lado, a aquisição dessas estruturas não está circunscrita apenas à ordem em que os complementos aparecem na sentença e à realização da preposição e do clítico, mas articula-se à aquisição dos verbos, uma vez que as crianças precisam dar conta da representação semântica dos verbos e de sua estrutura argumental para identificar a presença ou necessidade da preposição, incluindo as alternâncias possíveis (cf. PYE et al., 1995). Em relação a essa questão, Bowerman (1974) observa que as crianças generalizam a estrutura causativa a partir de 2;4 anos e persistem nesse comportamento até os 11 anos, o que implica dizer que, aos 11 anos, as crianças ainda estão em processo de identificação da representação semântica de alguns verbos.

Os resultados sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro indicam que o *input* a que estão submetidas as crianças em estágio de aquisição de sua língua materna caracteriza-se por apresentar, de acordo com os resultados de Freire, op. cit. e Gomes, op. cit.:

- a) em relação à ordem: maior frequência da ordem V SN SP. A variação na ordem é condicionada em função do tamanho dos complementos e do tipo de relação semântica entre verbo e os complementos: a ordem canônica é favorecida quando o objeto indireto é maior que o objeto direto (diferença de, pelo menos, 5 sílabas) e quando o verbo é de significação plena com transferência material (dar o livro a Pedro).
- b) em relação ao uso variável da preposição: predominância da preposição *para* (80%), introduzindo o complemento indireto e baixa frequência de ausência de preposição (7%). A implementação da mudança no uso da preposição do complemento indireto – substituição de *a* por *para* ampliou-se nos contextos inicialmente favorecedores da preposição *a*, ou de ocorrência categórica de *a*. Na Amostra Censo (década de 80), a presença da preposição *a* era favorecida quando o objeto não estava adjacente ao verbo e, categórica se um sintagma preposicionado marcado como [-animado] fosse introduzido. Na amostra coletada em 2000, observamos o enfraquecimento do efeito da posição do objeto em relação ao verbo, uma vez que a preposição *para* tornou-se freqüente (a mesma freqüência) nas duas posições e houve ampliação dos contextos em que a variação ocorre. Construções com verbo leve acompanhado de sintagma preposicionado cujo SN é marcado como [-animado] passaram também a apresentar a alternância *a ~ para ~ preposição nula*, conforme pode ser observado nos exemplos a seguir:

- (1) a. eles não dão muita ênfase *a* isso (Amostra Censo - 1980)
b. eles não dão atenção *ao* caso (Amostra Censo - 1980)
- (2) a. pra dar continuação \emptyset o trabalho (Amostra - 2000)
b. não deu muita inclinação *para* a parte intelectual (Amostra - 2000)
c. que eu dou muito valor *a* uma reunião (Amostra - 2000)

- c) em relação à realização anafórica do complemento indireto: predominância da variante objeto nulo, ausência de clítico de 3ª pessoa, predominância dos clíticos *me* e *te* em relação às realizações *a/para mim* e *a/para você*. Essa alternância se enquadra nos processos que afetaram o paradigma pronominal do PB no que diz respeito à diminuição da retenção de clíticos com a predominância de objetos nulos (cf. TARALLO, 1993; DUARTE, 1989) e a substituição de *tu* por *você* e *nós* por *a gente* (PAREDES SILVA, 1998 e OMENA, 2003).

3. A EMERGÊNCIA DAS ESTRUTURAS DE DATIVO

Um dos desafios metodológicos apontados por Roberts, op. cit. p. 336, no estudo da aquisição da variação estruturada é que estudos dessa natureza requerem uma certa quantidade de dados para cada falante, dificuldade que é inerente ao tipo de amostra em questão. As gravações feitas com crianças na faixa anterior à adolescência, principalmente as que estão nos primeiros estágios aquisitivos, não exibem exatamente a mesma quantidade de dados, se comparadas às entrevistas de adultos. De fato, Roberts (1996) observa que foram necessárias 8 a 14 horas de entrevistas com crianças, para se obter a mesma quantidade de dados relativos ao cancelamento de (-t, -d), comparável ao que se encontra normalmente em uma entrevista de 1 a 2 horas com adultos.

Um outro desafio interessante no estudo da variação nas crianças está na dificuldade de se distinguir entre a variação que é socialmente motivada e a que é relacionada ao desenvolvimento do processo aquisitivo. Uma solução para esse problema está na descrição prévia dos processos variáveis presentes na comunidade de fala: o estudo deve se pautar nas descrições já feitas sobre o fenômeno estudado na comunidade de fala. Uma outra solução pode estar no tipo de constituição da amostra. Os dados devem ser coletados num período de tempo que elimine o impacto do processo de maturação que ocorre no próprio período de coleta da amostra.

Além disso, a definição do perfil da amostra pode contribuir para minimizar e avançar essa questão: as amostras devem conter distribuição das crianças por faixa etária e incluir gravações de eixo longitudinal.

O *corpus* utilizado nesta análise foi obtido de gravações de crianças que integram a amostra do projeto “Aquisição Lingüística em contexto de *input* variável”.⁷ O estudo preliminar foi realizado com dados coletados de gravações de 5 crianças. Além das dificuldades inerentes apontadas nos parágrafos anteriores, soma-se o fato de que estruturas com verbos bitransitivos acompanhadas de complemento dativo não são muito freqüentes na língua.⁸ Portanto, dada a impossibilidade de quantificação dos dados no atual estágio da amostra, este estudo piloto analisa qualitativamente os dados coletados.

A amostra é estratificada por faixas etárias, de 2;6 anos a 5 anos, distribuídas da seguinte maneira:

Dud (2;6 - menina)

Aga (3;0 - menina)

Isa (4;0 - menina)

Mat (5;0 - menino)

May (5;0 - menina)

A análise qualitativa agrupa os dados coletados em 4 entrevistas, excluída a de Dud, pois não houve ocorrência dos verbos objeto deste estudo nessa entrevista. Adotamos a apresentação unificada dos dados, independentemente da faixa etária, em virtude do comportamento semelhante apresentado pelas crianças em relação às variantes realizadas e pelo fato de não haver, na maioria dos casos, mais de uma criança para cada faixa etária. O quadro 1 apresenta a distribuição dos complementos identificados em função das variantes de dativo (valores absolutos):

Quadro 1. Ocorrências de verbos bitransitivos e variantes de dativo na amostra

VERBO	SPREP	SN	CLÍTICO	OBJETO NULO	TOTAL
Dizer	2			4	6
Contar	3			3	6
Pedir	2			3	5
Dar	3		8(1 ^o p. sing.)		11
Dar+SN (verbo leve)	1			2	3
Pegar		1			1
Explicar				1	1
TOTAL	9 (28%)	1 (0,5%)	8 (25%)	13 (37,5%)	33

Em relação ao desenvolvimento do processo aquisitivo, observou-se que todos os complementos dos verbos considerados são do tipo [+humano], não tendo sido registrada ocorrência de verbos leves acompanhados de complemento preposicionado cujo SN seja [-animado]. Não há ocorrência de uso de verbos com argumentos que não lhe são pertinentes do ponto de vista semântico ou sintático. A análise de aquisição desses verbos necessita de um estudo longitudinal, em que seja contemplado período anterior a da faixa etária 3;0, em que foram detectados os verbos com complemento dativo.

Com relação à distribuição das variantes, apesar do número de dados coletados, é possível observar que a distribuição das ocorrências está em conformidade com os resultados já mencionados de Gomes (2003a): maior frequência de objeto nulo; o clítico é mais frequente como referência à 1^a pessoa do discurso; a ausência da preposição é a variante de mais baixa frequência.

A ausência de clítico de 3^a pessoa era esperada, uma vez que não foi registrado nas amostras de adultos da comunidade de fala do Rio de Janeiro. No entanto, também não foi registrada a ocorrência de clítico de 2^a pessoa, que apresenta frequência de 52% e 55%, respectivamente, nas Amostras Censo (1980) e Tendência (2000). Nos dados das crianças, a expressão de complementos com

referência à 2ª pessoa do singular foi realizada com sintagmas preposicionados, como nos exemplos abaixo:

- (1) Depois eu conto pra você (Isa)
 Vou pedir uma roupa pra você (Isa)

A presença de clíticos restringe-se à 1ª pessoa do singular e é, nesse caso, a variante mais freqüente. Registrou-se a alternância das variantes clítico ~ SPREP na expressão da 1ª pessoa do singular, como se pode observar a seguir:

- (2) E: O que que ela faz pra ser legal? *Me* dá biscoito gostoso (Mat)
 E: Que brinquedo *cê* ganhou? Boneca, óculos *cu* (que o) meu avô *me* deu (May)
 Conta aí *pra* mim (Isa)
 Um, dois, três e já, *me* dá isso aí (Isa)
 Ô, Giuli, pega *pra mim* aquela boneca. (Aga)
 I: Héin, mãe, *me* dá ai! É minha...! (Aga)

Com relação aos complementos de referência à 3ª pessoa, o objeto nulo é a variante mais freqüente.

- (3) E: ...ou pro Papai Noel, hein, Natal tá chegando, que que *cê* vai pedir pra ele, hein?
 Eu vou pedir um... uma Polly e um carro [] (Isa)
 Eu vou tirar foto com o Papai Noel. Ele vai me da(r) brinquedinho. Vai me da(r) que eu pedi [] (May)

Os sintagmas preposicionados foram realizados categoricamente com a mesma preposição. A única preposição registrada é a preposição *para*.

- (4) Vou dar (a rosa) *pa* (para) tu e *pu* (para o) meu pai (Aga)
 Vou pedir uma roupa *pra* você e um tamanco (Isa)

É interessante observar que, nas 5 entrevistas realizadas, há uma única ocorrência da preposição *a* com complemento do verbo IR de movimento nos dados de Mat (5 anos). Num total de 11 ocorrências, predomina, nesse caso, a ocorrência da preposição *em* (8 ocorrências).

- (5) **E:** Se o seu pai chegasse e falasse: “Mateus você tem três pedidos pra fazer”, o que você pediria a ele?. **Mat:** Ir *ao* cinema, ir no Mc Donald’s, ir no Norte Shopping.

A ordem dos complementos – V SN SPREP / V SPREP SN – também foi considerada como uma das dimensões da alternância de dativo, conforme descrito na seção 2. Quando os dois complementos co-ocorrem, a ordem predominante é a canônica, isto é, V SN SPREP. O único dado de sintagma preposicionado adjacente ao verbo é em virtude do objeto direto ser oracional:

- (6) A Sereia disse pra você *que ela estava voando na água* (Isa)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados analisados neste estudo preliminar permitem algumas conclusões que, mesmo que ainda parciais e com a necessidade de confirmação a partir de mais dados com a ampliação da amostra, apontam alguns caminhos para a compreensão da emergência da variação estruturada no período da aquisição para a variável estudada.

Observa-se que, em relação às variantes possíveis, as ocorrências presentes na fala das crianças não contemplam todas as variantes disponíveis na fala do adulto ou da comunidade de fala. As variantes presentes nesse período são as que se revelaram mais freqüentes na fala do adulto nos diversos estudos realizados sobre a comunidade de fala do Rio de Janeiro, embora nem todas as mais freqüentes estejam manifestadas nos dados encontrados, como é o caso do pronome *te*.

A presença categórica da preposição *para* introduzindo os complementos indiretos, e ausência quase que absoluta da prepo-

sição *a*, em outros contextos além do complemento dativo, também podem se constituir em mais uma evidência do processo de mudança que se observa no dialeto carioca. No entanto, pode-se levantar como hipótese que a emergência da variante mais prestigiada e formal (preposição *a*) pode ainda ocorrer para as crianças além da faixa de 5 anos, dependendo da participação delas em contextos de maior formalidade (escola, por exemplo) em que, finalmente, poderão estar expostas a um volume maior de realizações dessa variante. Seria interessante investigar qual o tipo de domínio que os falantes têm de variantes em desuso ou em vias de desaparecimento e que estão restritas a uso em contexto formal ou modalidade escrita. No entanto, o reflexo da baixa frequência da preposição *a* na comunidade de fala e seu caráter formal parecem estar refletidos no processo aquisitivo.

NOTAS

¹ a. E pede um comprovante *ao* presidente do morro né? Pede [] o seu Aurino, pede um comprovante [] ele (Amostra Censo)

b. Ela disse os piores nomes feios *para* o meu filho (Amostra Censo)

c. A mamãe vai *te* dar, espera que a mamãe vai dar [] (Amostra Censo)

² As sentenças utilizadas no experimento continham SNs que podiam ser permutados e ocupar qualquer uma das posição – agente, tema e meta, com o objetivo de checar a compreensão somente em função da ordem em que os SNs apareceram: *The cow showed the dog to the horse*; *The cow showed the horse the dog*.

³ O'Grady (2000:5)

(14) a. theme-goal order:

<i>agent</i>	<i>theme</i>	<i>goal</i>	
Ai-ka	tol-ul	kay-eykey	tenci-ess-ta
Child-Nom	stone-Ac	dog-Dat	throw-PSt-Decl
'The child threw a stone to the dog'			

b. goal-theme order:

<i>agent</i>	<i>theme</i>	<i>goal</i>	
Ai-ka	kay-eykey	tol-ul	tenci-ess-ta
Child-Nom	dog-Dat	stone-Ac	throw-PSt-Decl
'The child threw a stone to the dog'			

- ⁴ - ai dei *a* ele o jogo (Amostra Censo)
 - ensinar Ø o povo regras básicas de saneamento (Amostra Censo)
 - E pede um comprovante *ao* presidente do morro né? Pede []o seu Aurino, pede um comprovante [] ele (Amostra Censo)

⁵ ver Bresnan, J & Nikitina, T. (2003) On The Gradience of the Dative Alternation, <http://roa.rutgers.edu/files/596-0503-bresbna-0-0.pdf> que apresentam, tendo a OT como quadro de referência, uma discussão sobre outras restrições de construção dativo x objeto duplo no inglês e evidências baseadas em dados empíricos que contestam as restrições semânticas e sintáticas apresentadas na literatura sobre o tema.

⁶ O nível 1 da tipologia de Berlinck corresponde aos verdadeiros dativos, isto é, aqueles complementos que são constituintes do complexo verbal, definidos como um dos argumentos do verbo. Incluem-se, neste grupo, verbos que apresentam diferentes características semânticas, como aqueles em que há transferência material, como *dar*, *pedir*; os de transferência verbal e perceptual, como *dizer*, *ensinar*; verbos de movimento físico, como *levar*, *encaminhar*; verbos de movimento abstrato como *atribuir*, *submeter*. No nível 2, estão agrupados os complementos classificados como dativo de posse e, no nível 3, os classificados como dativo ético, cuja natureza é não-argumental, limitado a 1ª e 2ª pessoas. Tais complementos são controlados pragmaticamente, marca de intensidade do envolvimento do falante, e ocorrem em qualquer configuração sentencial, com ou sem outro complemento dativo, como em “*se uma mulher séria me dá atenção qualquer pessoa*” (Amostra Censo) (cf. BERLINCK 1996:128-133).

⁷ O projeto “Aquisição em contexto de *input* variável”, que desenvolvo no Departamento de Linguística e no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ, apoiado pelo CNPq/300258/89-5 e pela FAPERJ/E-26/170.718/2003, corresponde à primeira etapa de um estudo mais amplo sobre a aquisição linguística que conjuga a perspectiva da teoria da variação às questões específicas da aquisição. O projeto inicia-se com o estudo das estruturas de dativo, mas também prevê o estudo de outras variáveis sociolinguísticas, fonológicas e sintáticas, do português do Brasil. A amostra, que ainda está sendo constituída, será inicialmente composta por 2 crianças em cada faixa etária, totalizando 8 crianças. Estão previstas a ampliação da amostra e a constituição de um *corpus* longitudinal. As 8 entrevistas já realizadas foram conduzidas por um entrevistador na companhia de um familiar das crianças, utilizando um roteiro de perguntas, figuras e recontagem de estórias.

⁸ Em aproximadamente 64 horas de gravação da Amostra Censo, foram levantadas 274 ocorrências de verbos bitransitivos cujos complementos indiretos estão submetidos à variação descrita nos itens a), b) e c) da seção 2.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOWERMAN, M. Learning the structure of causative verbs: a study in the relationship of cognitive, semantic and syntactic development. *Paper and Reports on Child Language Development* 8, 1974. p. 142-178.

FOULKES, P.; DOCHERTY, G. & WATT, D. Tracking the emergence of Structured Variation - realisation of (t) by Newcastle Children. *Leeds Working Papers in Linguistics and Phonetics* 7, 1999. p. 1-25.

FOULKES, P.; DOCHERTY, G. & WATT, D. *Phonological Variation and Change in Contemporary Spoken British English* Full report to the ESRC, project R000237417, 2002 (mimeo).

FOULKES, P.; DOCHERTY, G. & WATT, D. *Phonological variation in child-direct speech*, 2003, (mimeo)

GOMES, C. A. *Aquisição e Perda de Preposição no Português do Brasil*. 1996. 148 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras. UFRJ, Rio de Janeiro.

GOMES, C. A. Variação e Mudança na Expressão do Dativo no Português Brasileiro. In: PAIVA, M. C. e DUARTE, M. E. L. (Org.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa Editora, 2003a. p. 81-96.

GOMES, C. A. e outros. Pressões estruturais e discursivas no condicionamento da variação: a ordem dos complementos verbais no português brasileiro. In: RONCARATI, C. e ALMEIDA, J. (Org.) *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003b. p. 199-205.

KERSWILL, P. Children, adolescent and language change. *Language Variation and Change* 8, 1996. p. 177-202.

LABOV, W. The child as linguistic historian. *Language variation and change* 1, 1989. p. 85-97.

O'GRADY, W. A Linguistic Approach to the Study of Language Acquisition. *Annual Meeting of Pan-Pacific Association of Applied Linguistic*, Honolulu, 2000 (mimeo).

OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, M. C. e DUARTE, M. E. L. (Org.) *Mudança linguística em tempo real*, Rio de Janeiro: Contracapa Editora, 2003. p. 63-80.

PAREDES SILVA, V. L. A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX. *Anais do II Congresso Nacional ABRALIN e XIV Instituto Linguístico*, CD-ROM, 1998. p. 1288-96.

PYE, C., LOEB, D., REDMOND, S. RICHARDSON, L. (1995) When Do Children Acquire Verbs? CLARK, E. (Ed.) *The Proceedings of the Twenty-seventh Annual Child Language Research Forum*. Stanford: Stanford Junior University, 1995. p. 60-70.

ROBERTS, J. Child language variation. In CHAMBERS, J.; TRUDGILL, P. & SCHILLING-ESTES, N. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 333-348.

ROBERTS, J. *Acquisition of variable rules: (-t, -d) deletion and (ing) production in preschool children*. Institute for Research in Cognitive Science (IRCS) Report 96-09. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1996.

SMITH, J. & STEELE, H. *Caregiver, community and child in the acquisition of the variable forms in a Scottish dialect*, UKLVC4, Sheffield, 2003.

THEAKSON, A L., LIEVE, E. & TOMASELLO, M. *The role of the input in the acquisition of the third person singular verbs in English*. Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, Leipzig, 2003 (mimeo).

TOMASELLO, M. *First steps towards a Usage-based Theory of Language Acquisition*, Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, Leipzig, 2003 (mimeo).